

Língua Portuguesa



Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material teórico



Linguagem e Comunicação

Responsável pelo Conteúdo:

Núcleo de professores e tutores do Campus Virtual

Revisão Textual:

Profa Ms Elizabeth Ziliotto



Na primeira unidade, apresentamos importantes conceitos e reflexões sobre os usos relativos à comunicação oral e escrita na Língua Portuguesa. Nosso roteiro de estudos começa pelo texto de conteúdo teórico, que aborda os princípios básicos para a linguagem verbal, língua e comunicação. Na sequência, são abordados os tópicos de Níveis de Linguagem; Modalidade oral e escrita; e as Variedades padrão e não padrão da Língua.

Para finalizar a abordagem temática da unidade, apresentamos uma síntese das principais alterações propostas pelo Novo Acordo Ortográfico e alguns endereços eletrônicos que conduzem a mais informações sobre o tema. Convém consultar o material disponibilizado para ficar a par de tudo o que foi alterado sobre o importante tema que focaliza, principalmente, aspectos ortográficos e de acentuação.

**Atenção**

Para um bom aproveitamento do curso, leia o material teórico atentamente antes de realizar as atividades. É importante também respeitar os prazos estabelecidos no cronograma.

Contextualização

Nessa unidade, Linguagem e Comunicação vamos falar sobre o uso que fazemos da Língua Portuguesa, evidenciando sua dinâmica e transformações. Vamos abordar diferentes níveis de linguagem, de variações linguísticas e perceber a importância de reconhecer e respeitar as diferenças no uso da língua, para que possamos adequá-lo sempre a diferentes situações de comunicação.

Para entrar em contato com esse tema, selecionamos um vídeo divertido em que Marco Luque, repórter do programa CQC, de Marcelo Tass, incorpora a personagem do motoboy Jackson Five, num quadro que satiriza os programas eleitorais.

Observe o uso que Jackson Five faz da Língua Portuguesa, refletindo sobre as seguintes questões:

- a) Você costuma usar alguma expressão utilizada por ele?
- b) Você considera que Jackson Five usa um “Português errado”?

Assista ao vídeo e depois leia o material teórico para continuar a sua reflexão sobre o uso da língua e suas variações. Vamos falar muito sobre esse tema nessa unidade!

Para assistir ao vídeo, acesse o link:

<http://www.youtube.com/watch?v=3M1izoCv6jA&feature=related>



Introdução

A primeira unidade de estudos – Linguagem e Comunicação – apresenta conteúdo teórico desenvolvido para atender aos seguintes objetivos de aprendizagem:

- identificar os conceitos básicos da comunicação verbal escrita: linguagem verbal; língua; tipos e níveis de linguagem; modalidade oral e escrita; variedade padrão e não padrão;
- utilizar a língua como instrumento de comunicação nas práticas sociais da vida de estudos e profissional com eficiência.

Em primeiro lugar, é necessário realizar a leitura de todo o conteúdo que fundamenta teoricamente os temas para estudo. Em seguida, elaborar as atividades de aproveitamento e aprofundamento: na atividade de sistematização – AS, com autocorreção e na de produção textual na atividade de aprofundamento – AP, para avaliação da tutoria, durante o período de vigência da unidade de acordo com o calendário do curso.

Para esclarecimento de dúvidas sobre o conteúdo informacional bem como a respeito da elaboração das atividades práticas, é importante acessar os locais de publicação que contêm as orientações específicas sobre as propostas e práticas a serem realizadas. Para falar com a tutoria, entre em contato, via Mensagens ou Fórum de Dúvidas, no ambiente de aprendizagem.

Nossa língua é o nosso melhor retrato.

A linguagem humana é o que nos distingue como ser, que pensa e que se comunica. Inseparável do homem, ela está presente em todos os nossos atos. É o instrumento graças ao qual modelamos o pensamento, os sentimentos, as emoções, a nossa vontade, os nossos atos, com ela influenciamos e somos influenciados, educamos e somos educados, transformamo-nos e vivemos em sociedade.

A linguagem é a base mais profunda da sociedade humana. Ela existe como meio de comunicação enquanto transmitida. A linguagem verbal representa, organiza e transmite o nosso pensamento, é, portanto, elemento fundamental para a comunicação, garantindo a todos nós, pelo processo de interação, o contato com o “outro”.

Segundo Bechara (2001), “entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, os conteúdos da consciência”. Nesse sentido, a linguagem verbal, ou seja, a nossa língua possibilita a representação, a significação e a comunicação do pensamento humano nas práticas interativas entre os sujeitos nas relações diárias da vida em comunidade.

Ao desenvolvermos a linguagem verbal por meio de formas específicas do sistema de “signos linguísticos” (palavra falada ou escrita), organizados em código (regras de funcionamento) nos “atos linguísticos”, denomina-se, tradicionalmente, como línguas, utilizadas pelo homem na elaboração dos enunciados e dos textos verbais (orais e escritos) para produção dos atos de comunicação.

A língua portuguesa é o meio de expressão da cultura de todos os falantes que pertencem à chamada comunidade lusófona, ou seja, aqueles que usam o idioma para se expressar e se comunicar cotidianamente. Contudo, cada um de nós emprega a língua de forma única, pois ao articularmos os elementos para manifestar uma expressão no ato comunicativo da fala, o fazemos de modo particular e próprio. No emprego da língua, há, em todos os idiomas, diferenças geográficas (falares locais e variações regionais) e socioculturais (nível culto, língua padrão, nível popular) e modalidades discursivas (língua falada, escrita, literária, formal, informal) que conferem peculiaridades e marcas de expressão próprias dos sujeitos usuários.

Quando falamos ou produzimos textos, selecionamos e combinamos palavras, frases ou orações, apropriadas para formular uma mensagem que provoque uma resposta no interlocutor (ouvinte ou leitor). Por outro lado, o interlocutor compreende, interpreta e responde com postura ativa àquele enunciado, internamente por meio de seus pensamentos, ou, externamente, por meio de um novo enunciado oral ou escrito.

Todo esse processo se dá pela **interação social**, nas **relações dialógicas entre os sujeitos e por meio da linguagem constituída pelo verbal ou não verbal**. O ambiente em que nos encontramos, as pessoas com quem nos comunicamos, as nossas intenções, o conhecimento que temos sobre a língua usada como instrumento de comunicação, a forma com que construímos o tipo de texto ou discurso, tudo isso faz com que diferentes níveis de linguagem sejam usados.

Ao dialogarmos com uma criança, com o chefe, com o colega de trabalho, ou ainda com uma autoridade, devemos ter toda atenção e cuidado com o nível de linguagem para assegurar o sucesso do ato comunicativo. Como assinala Marcuschi, “a conversação é a primeira das formas da linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSCHI, 1986: 14).

1. Níveis de Linguagem

Dentre os estudiosos da língua, encontram-se várias definições sobre níveis de linguagem, mas a maioria deles considera que o uso da língua pode ocorrer em dois níveis: o **coloquial** e o **culto**, determinados pela cultura e formação escolar, pelo grupo social a que pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Além disso, a língua pode ser utilizada em dois registros diferentes: o **formal** e o **informal**, que admitem certa escala de graus, indo do mais formal ao mais informal.

Um falante adota, portanto, diferentes níveis e registros da língua ao falar ou escrever, dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho. “A língua é da esfera social, ao passo que a fala é da esfera individual”, diz Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística moderna (1969).

O **nível culto**, mais utilizado em ocasiões formais, é também aquele que mais obedece às regras gramaticais. Por outro lado, o **nível coloquial ou popular** é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas. Há, nesse nível de linguagem, o registro informal da língua, ou seja, uma utilização mais espontânea e criativa da linguagem.

Nos diálogos do cotidiano, podemos perceber deslizes de concordâncias, repetições e até cacoetes típicos da oralidade. Por exemplo, uma dona de casa, ao participar de uma entrevista, pode expressar sua opinião sobre a atuação dos jogadores na Copa utilizando alguns clichês típicos do nível coloquial como: “fiquei em cima do muro” e “pelo andamento da carruagem”. Além disso, sua fala pode apresentar elementos típicos da oralidade como o “né?” e expressões curiosas como: “na dura força”. Podem acontecer ainda deslizes na concordância: “veio duas amigas...”

É possível observar o uso da língua em nível coloquial também no texto escrito, não só na reprodução da fala de algumas personagens na literatura como também em bilhetes de nosso dia a dia, nos e-mails e textos pela internet.

Podemos, ainda, ressaltar como uso específico da língua a **gíria**, que palavras criadas, inventadas por determinado grupo social com o objetivo de distinguir seus usuários dos demais falantes da língua. Às vezes, quando muito utilizada, pode migrar para o nível coloquial e, tempos depois, até para o nível culto.

Preti (2003) prefere tratar esses dois níveis de linguagem como dialetos, fazendo a seguinte divisão: o *dialeto social culto*, que “se prende tanto às regras da gramática, tradicionalmente considerada normativa e aquela comumente ensinada na escola, como aos exemplos da linguagem literária, mais conservadora”; e o *dialeto social popular* que “é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo.”

O autor comenta que esse *dialeto culto* é eleito pela própria comunidade como o de maior prestígio, refletindo um índice de cultura a que todos pretendem chegar. Assim, de certa forma “aprender a língua” significa aprender o *dialeto culto*.

Preti (2003) alerta ainda que, em geral, os falantes têm consciência de que a língua no nível culto é de fato o dialeto social único e ideal, ocorrendo o nível popular como uma deturpação do primeiro. Muitos falantes creditam apenas àqueles que “não sabem a língua” o nível popular, o que acontece em decorrência de sua falta de instrução.

Essa posição, todavia, não é aceita pela sociolinguística, que vê na ocorrência de ambos os níveis um natural processo de variação linguística que atende, assim, às mais diversas situações de comunicação na sociedade.

Em rigor, ninguém comete erro em língua. O que normalmente se comete são transgressões às regras gramaticais. De fato, aquele que, num momento íntimo do discurso diz: “Ninguém deixou ele falar”, não comete propriamente um erro: na verdade transgredir a determinada regra da gramática normativa.

Nesse caso, vale salientar que a comunicação foi estabelecida. Portanto, quem pratica a língua em nível popular não fala de forma errada, apenas fala de acordo com o meio em que vive. O importante é usar a língua de forma adequada ao interlocutor, ao contexto e ao assunto.

Falar errado é não se fazer entender em seu meio ou usar uma variedade inadequada ao ambiente em que se encontra, pois há fatores sociais, econômicos e regionais que justificam a variação.

É importante perceber que o nível da linguagem deve variar de acordo com a situação em que se desenvolve o discurso; o ambiente sociocultural determina o nível de linguagem a ser empregado; e o vocabulário, a sintaxe (organização lógica), a pronúncia e até a entoação variam segundo esse nível. Um padre não fala com uma criança como se estivesse rezando uma missa, assim como uma criança não fala como um adulto. Um engenheiro não usa o mesmo nível de fala quando se dirige a colegas e a funcionários da obra, assim como nenhum professor utiliza o mesmo nível de fala quando está com sua família e quando está em sala de aula.

2. Modalidade Oral e Escrita

Segundo Mac-Kay (2000), “na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando cada uma suas propriedades. O fato de possuírem formas características não pode nos levar à falsa noção de que são modalidades destituídas de pontos de integração”.

Koch em seu livro *O texto e a construção de sentidos* (1997) ressalta que os textos podem apresentar-se de várias formas, ou seja, ora se aproximando do polo da fala (por exemplo: os bilhetes domésticos, os bilhetes de casais, e-mails entre amigos e textos de humor), ora se aproximando do polo da escrita (por exemplo: os discursos de posse de cargo, as conferências, as entrevistas especializadas e propostas de produtos de alta tecnologia por vendedores especialmente treinados).

Conforme observa a autora, a fala e a escrita constituem duas possibilidades de uso da língua que utilizam o mesmo sistema linguístico e que, apesar de possuírem características próprias, não devem ser vistas de forma dicotômica, ou seja, totalmente distinta.

Em síntese, Koch ilustra que as mais frequentes diferenças entre fala e escrita podem ser apontadas: a fala não é planejada, é mais fragmentada e incompleta, pouco elaborada, e possui a predominância de frases curtas e simples; a escrita já é mais planejada, não é fragmentada e apresenta-se mais completa, melhor elaborada e possui a predominância de frases mais complexas, entre outras características.

Fávero, Andrade e Aquino (2002, apud Mac-May) observam o fato de as gramáticas adotarem como parâmetro a escrita e associarem a fala a um dos seus registros de realização – o informal – e que essa posição fortalece o enfoque que polariza as duas modalidades por não incluir a possibilidade da existência de níveis de formalidade. As autoras sinalizam para o fato de que, “na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um *continuum* que vai do registro mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários” (p. 273), e afirmam que essa variação depende das condições de produção do texto.

Tais condições estão em estreita relação com o contexto, com as condições de interação, com os interlocutores e com o tipo de processamento da informação. Assim, na língua falada, há entre falante e ouvinte um intercâmbio direto, o que não ocorre com a língua escrita, na qual a comunicação se faz geralmente na ausência de um dos participantes; na fala, as marcas de planejamento do texto não aparecem, porque a produção e a execução se dão de forma simultânea, por isso o texto oral é pontilhado de pausas, interrupções, retomadas, correções etc.; o que não se observa na escrita, porque o texto se apresenta acabado, houve um tempo para a sua elaboração. Ou seja:

A fala

- Mais espontaneidade e fluidez.
- Sem planejamento; mais direta e econômica.
- Apoio da situação física, do contexto, do conhecimento do interlocutor, das expressões faciais, dos gestos, das pausas, das modulações da voz, das referências do ambiente.
- Repetição de informações para explicar ou resolver dúvidas do interlocutor.
- Uso de frases mais simples e diretas, períodos curtos com orações coordenadas.
- Expressão das ideias com mais truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância.
- Uso de expressões dialetais com mais frequência.

A escrita

- Planejamento cuidadoso do texto para assegurar que o leitor compreenda.
 - Não existe o apoio do contexto, ou seja, não é possível resolver dúvidas imediatamente.
 - Não existem recursos como gestos, voz, expressões faciais.
 - Revisão para avaliar o texto e evitar repetições desnecessárias de palavras, truncamentos, problemas de concordância, regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia.
 - Utilização de sintaxe (organização da frase) mais complexa.
 - Observação da exatidão e clareza do pensamento.
 - Orações subordinadas mais frequentes na escrita que na fala.
 - Utilização de um vocabulário mais exato e preciso, pois temos tempo de procurar a palavra adequada.
 - Evitar uso de gírias e expressões coloquiais, principalmente quando o texto é formal.
-

Por um lado, a acentuação (relevo de sílaba ou sílabas), a entoação (melodia da frase), as pausas (intervalos significativos no decorrer do discurso), além da possibilidade de gestos, olhares, piscadas etc., fazem da língua falada a modalidade mais expressiva, mais criativa, mais espontânea e natural, estando por isso mesmo, mais sujeita a transformações e a evoluções.

Por outro lado, a língua escrita é, foi e sempre será mais bem elaborada que a língua falada, porque é a modalidade que mantém a unidade linguística de um povo, além de ser a que faz o pensamento atravessar o espaço e o tempo. Nenhuma reflexão, nenhuma análise mais detida será possível sem a língua escrita, cujas transformações, por isso mesmo, se processam de forma lenta e em número consideravelmente menor, quando cotejada com a modalidade falada.

Outro aspecto a considerar é que tanto a fala como a escrita podem variar quanto ao grau de formalidade. Há uma gradação que pode ir da fala mais descontraída (*Oi, tá tudo bem?*) à fala mais formal, planejada e próxima da escrita (*Caros ouvintes, boa tarde.*); e da escrita mais informal (*Tô chegando aí. Favor adiar o início por alguns minutos.*) a mais formal (*Chegaremos ao local da cerimônia com um pequeno atraso em relação à programação anteriormente estabelecida. Solicitamos que as atividades sejam adiadas por alguns minutos.*).

Para ilustrar um pouco mais, em suas palestras, o Prof. Evanildo Bechara faz a seguinte analogia: em casa, costumamos nos vestir de maneira mais simples, sem maquiagem, salto alto ou artifícios. Andamos de roupa caseira, simples, confortável. Quando saímos, procuramos cuidar um pouco mais da aparência. Colocamos uma roupa melhor, usamos sapatos novos, penteamos o cabelo com maior cuidado etc. E se vamos a uma festa, então, é que nos arrumamos mais ainda. E assim deve acontecer com língua tanto na modalidade oral como na modalidade escrita: a língua deve variar de acordo com as diferentes situações de uso; quanto mais formal for a situação, mais cuidados serão exigidos do falante.

3. Variedade Padrão e Não Padrão

É fato irrefutável que no Brasil o que se fala não é só uma língua portuguesa. As línguas são heterogêneas. O que se fala no Brasil é uma gama de variações de uma mesma língua, variações estas influenciadas por diversos fatores, sejam eles a extensão geográfica do Brasil; as diferentes culturas regionais; a diversidade de colonização; a acentuada diferença socioeconômica; entre outros.

Nesse sentido, temos em qualquer língua as chamadas **variedades padrão e não padrão**. Os princípios que regulam as propriedades das variações padrão e não padrão geralmente extrapolam critérios puramente linguísticos. Na maioria das vezes, o que determina a variante padrão da língua relaciona-se à classe social de prestígio e ao grau relativamente alto de educação formal dos falantes. As variedades não padrão geralmente desviam desses parâmetros.

Assim, a **variedade padrão** ou **língua padrão**, está associada ao nível culto da língua. De acordo com Irlandé Antunes (2007), a língua padrão é “um projeto da sociedade letrada que pretende garantir, para a comunidade nacional, certa uniformidade linguística; uniformidade aqui entendida como o cuidado por criar uma língua comum, estandardizada, com ênfase no geral, e não em particularidades regionais, locais ou setoriais.” Percebe-se, portanto, que a ideia subjacente ao conceito de língua padrão é a unificação linguística, na tentativa de facilitar a interação pública, neutralizando certos usos.

No entanto, na prática, retomam-se os parâmetros definidos por uma classe social de prestígio e por certos órgãos oficiais que sistematizam o que se costuma chamar de “o melhor uso da língua”, e tudo o que foge ao padrão é inferiorizado, desprestigiado e faz parte da variedade não padrão, que está associada ao nível coloquial ou popular da língua.

Como vimos anteriormente, esse é o nível que assimila as mudanças provocadas pelo próprio fluxo natural da língua, ao incorporar novos usos, mas que são vistas como decadência, degeneração ou “erros”. Segundo Irlandé Antunes (2007), o problema é que o movimento da língua ficou inexoravelmente destinado a ser do melhor para o pior. Para a autora, no entanto, toda mudança na língua tem sua lógica e sua motivação, o que possibilita que um padrão possa ser substituído por outros.

Por outro lado, segundo Preti (2003), a noção de língua padrão serve diretamente às intenções do ensino, no sentido de padronização da língua, criando condições ideais de comunicação entre as várias áreas geográficas e também propiciando aos estudantes as condições para a leitura e compreensão dos textos literários e científicos, que se expressam nessa variedade. Além disso, a *variedade padrão* também é adotada pelos veículos de comunicação de massa (emissoras de rádio e televisão, jornais, revistas etc.), cuja função é a de serem aliados das escolas, prestando serviço à sociedade e colaborando na educação.

Em síntese, nosso estudo sobre as variedades linguísticas evidencia que o importante é não só saber identificá-las, avaliar sua adequação ao ambiente e ao contexto como também nos livrar de todo e qualquer preconceito linguístico. Mas temos que ter em mente que, em nossos textos acadêmicos, em nossas redações para concursos, em textos e relatórios que circulam no âmbito profissional, é a variedade padrão que precisa prevalecer. É necessário evitar gírias, regionalismos, repetições desnecessárias, cacoetes, abreviações, clichês e todos os elementos típicos do uso da língua em nível coloquial.

Considerações finais

Vimos até aqui que as variedades linguísticas são provenientes diretamente dos usuários ou falantes da língua. Mas é possível estudar o problema sob o enfoque do uso que o mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em função do interlocutor e da situação de comunicação, entendendo-se como tal as influências extraverbais que cercam o ato da fala: região, cultura, momento, situação, idade, formação, domínio do idioma, etc.

Assim, a presença física do ambiente em que o diálogo ocorre pode ocasionar um nível de linguagem fora dos hábitos normais do falante. Os chamados fatores situacionais não dizem respeito diretamente ao falante, mas a circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, e também a situações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo.

Em síntese, o mesmo falante pode apresentar variação no uso da língua em relação:

- aos níveis de linguagem culto ou coloquial;
- ao registro formal e informal;
- às variedades padrão e não padrão e à modalidade oral e escrita, tanto em função da situação da comunicação como também em função de seu interlocutor, de seu conhecimento da língua, de seu grau de escolaridade e de sua intenção de comunicação.

Para complementar as informações teóricas sobre a importância da atenção e do cuidado com a linguagem verbal escrita para o sucesso da comunicação, destacamos a observação do Novo Acordo Ortográfico, vigente desde o ano de 2009 para os países lusófonos.

Para pesquisa e aprofundamento sobre o Acordo Ortográfico, encontram-se disponíveis para consulta valiosas informações sobre as alterações resultantes do acordo ortográfico entre os países lusófonos.

Conteúdo Gramatical

Para complementar as informações teóricas sobre a importância da atenção e do cuidado com a linguagem verbal escrita para o sucesso da comunicação, destacamos a observação do Novo Acordo Ortográfico, vigente desde o ano de 2009 para os países lusófonos.

Após muita polêmica entre os países lusófonos (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Timor Leste), o Congresso Nacional, o Ministério da Educação do Brasil e o meio acadêmico, o Novo Acordo Ortográfico foi implantado.

Nessa trajetória, as maiores resistências ao acordo vieram de Portugal, justamente o país que teve mudanças mais significativas. Os portugueses só ratificaram o acordo em maio de 2008.

As primeiras tentativas de unificação ortográfica aconteceram no início do século XX. No Brasil, já houve duas reformas ortográficas: em 1943 e em 1971. Ou seja, um brasileiro com mais de 65 anos está vivenciando a terceira grande mudança em relação à ortografia de sua língua.

Há muita gente que rechaçou a unificação, dizendo que havia coisas mais importantes a fazer. Quem defendeu, argumentou, por exemplo, que o português era, das línguas mais faladas no mundo, a única que ainda não estava unificada. Para entender melhor os prós e os contras, leia a reportagem com o professor Evanildo Bechara e o artigo do professor Pasquale.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u484105.shtml>

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/1107867-mas-nada-para-os-bombeiros.shtml>

E para se informar um pouco mais sobre o Novo Acordo leia a reportagem da Folha On-line do dia 31/12/08 que comentava e trazia as principais mudanças propostas para a ortografia. E fique atualizado lendo a reportagem da Revista Visão Jurídica, Edição 74 de 2012.



<http://revistavisaojuridica.uol.com.br/advogados-leis-jurisprudencia/33/artigo128085-1.asp>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u484893.shtml>

Saiba o que muda com o novo acordo ortográfico

1. **Alfabeto** - ganha três letras.

Antes: 23 letras

Depois: 26 letras, entram k, w e y

2. **Trema** - desaparece em todas as palavras.

Antes: freqüente, lingüiça, aguentar. **Depois:** frequente, linguíça, aguentar.

* Fica o acento em nomes como Müller

3.1 **Acentuação** - some o acento dos ditongos abertos éi e ói das palavras paroxítonas (as que têm a penúltima sílaba mais forte).

Antes: européia, idéia, heróico, apóio, bóia, asteróide, Coréia, estréia, jóia, platéia, paranóia, jibóia, assembléia.

Depois: europeia, ideia, heroico, apoio, boia, asteroide, Coreia, estreia, joia, plateia, paranoia, jiboia, assembleia.

* Herói, papéis, troféu mantêm o acento (porque têm a última sílaba mais forte).

3.2 **Acentuação** - some o acento no i e no u fortes, depois de ditongos (junção de duas vogais), em palavras paroxítonas.

Antes: Baiúca, bocaiúva, feiúra **Depois:** Baiuca, bocaiuva, feiura

* Se o i e o u estiverem na última sílaba, o acento continua como em: tuiuiú ou Piauí.

3.3 **Acentuação** - some o acento circunflexo das palavras terminadas em êem e ôo (ou ôos.)

Antes: Crêem, dêem, lêem, vêem, prevêem, vôo, enjôos.

Depois: Creem, deem, leem, veem, preveem, voo, enjoos.

3.4 **Acentuação** - some o acento diferencial

Antes: Pára, péla, pêlo, pólo, pêra, côa

Depois: Para, pela, pelo, polo, pera, coa

* Não some o acento diferencial em pôr (verbo) / por (preposição) e pôde (pretérito) / pode (presente). Fôrma, para diferenciar de forma, pode receber acento circunflexo.

3.5 **Acentuação** - some o acento agudo no u forte nos grupos gue, gui, de verbos como averiguar, apaziguar, arguir, redarguir, enxaguar.

Antes: Averigúe, apazigúe, ele argúi, enxagúe você.

Depois: Averigue, apazigue, ele argui, enxague você.

Observação: as demais regras de acentuação permanecem as mesmas.

4. **Hífen** - veja como ficam as principais regras do hífen com prefixos:

Prefixos	Usa-se hífen	Não se usa hífen
Agro, ante, anti, arqui, auto, contra, extra, infra, intra, macro, mega, micro, maxi, mini, semi, sobre, supra, tele, ultra...	Quando a palavra seguinte começa com h ou com vogal igual à última do prefixo: auto-hipnose, auto-observação, anti-higiênico, anti-herói, anti-imperialista, micro-ondas, mini-hotel	Em todos os demais casos: autorretrato, autossustentável, autoanálise, autocontrole, antirracista, antissocial, antivírus, minidicionário, minissaia, minirreforma, ultrassom
Hiper, inter, super	Quando a palavra seguinte começa com h ou com r: super-homem, inter-regional	Em todos os demais casos: hiperinflação, hipermercado, supersônico
Sub	Quando a palavra seguinte começa com b, h ou r: sub-base, sub-reino, sub-humano	Em todos os demais casos: subsecretário, subeditor
Vice	Sempre: vice-rei, vice-presidente	
Pan, circum	Quando a palavra seguinte começa com h, m, n ou vogais: pan-americano, circum-hospitalar	Em todos os demais casos: pansexual, circuncisão

Fonte: www.g1.com.br

Para pesquisar e aprofundar seus estudos sobre o Novo Acordo Ortográfico, encontram-se disponíveis para consulta valiosas informações sobre as alterações resultantes desse acordo ortográfico entre os países lusófonos. Seguem outras indicações de links para acesso e consulta:

- a) Guia Prático da Nova Ortografia. Michaelis - Saiba o que mudou na ortografia brasileira, de Douglas Tufano

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?typePag=novaortografia>

- b) E para consultas rápidas, para que você não erre em relação às mudanças do Novo Acordo Ortográfico, consulte sempre o VOLP- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras.

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>

Material Complementar

Ainda algumas informações e reflexões sobre Linguagem e Comunicação

Para aprofundar e saber mais sobre alguns dos conteúdos que foram abordados nessa unidade, recomendamos:

a) Visitar o Museu da Língua Portuguesa ao vivo, em cores para uma experiência inédita com a nossa língua ou pelo site (clique no botão que leva a textos):
<http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas.php>

b) Assistir ao vídeo-aula sobre variações linguísticas:

http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=_Y1-ibJcXW0&feature=endscreen

c) Ler uma interessante reportagem publicada na edição 2025 da Revista Veja em que você encontrará diferentes opiniões sobre o Novo Acordo Ortográfico e verá que temos que ser cada vez mais eficientes no uso da língua, pois ela também passou a ser um fator de ascensão profissional. Acesse o link:

http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Muito Além da Gramática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. O.; AQUINO, Z. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAC-KAY, Ana Paula M.G. *Atividade Verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita*. São Paulo: Plexus, 2000.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. 34^a ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2003.

Anotações

[illegible]



Educação a Distância

Cruzeiro do Sul Educacional

Campus Virtual

www.cruzeirodosulvirtual.com.br

Campus Liberdade

Rua Galvão Bueno, 868

CEP 01506-000

São Paulo SP Brasil

Tel: (55 11) 3385-3000

